



# FOLHA

DE BOA VISTA

Ano XXXIV

Edição 5572

Um Jornal Necessário

Página Inicial

Comentar

Imprimir

Enviar por E-mail

.: Publicidades .:

## EDITORIAS

[Cidades](#)[Especiais](#)[Esportes](#)[Opinião](#)[Polícia](#)[Política](#)[Variedades](#)

## COLUMNS

[Avivamento](#)[Em Pauta](#)[Jessé Souza](#)[Minha Rua Fala](#)[Ok!á](#)[Parabólica](#)[PodCast](#)[Shirley Rodrigues](#)

## Opinião

## A maioria do Real após 18 anos de idade

Data: 16/07/2012

Fonte: a A A A



Elói Martins Senhoras \*

Lançado em 1º de julho de 1994, o Real atinge a maioridade, ao completar 18 anos de idade, com motivos de comemoração sobre uma trajetória funcional para estabilização monetária e a retomada do crescimento econômico, após os fracassos de sucessivos planos econômicos ortodoxos e heterodoxos de controle inflacionário durante a crise da dívida da década de 1980.

A “nova” moeda da economia brasileira, denominada com um título moderno para o nome mais tradicional das moedas brasileiras, Real (singular) ou Reis (plural), agora identificada por Real e Reais, nasceu com o “nobre” objetivo de recuperar a credibilidade e a função da moeda nacional como reserva de valor, meio de troca e unidade de conta.

A sua relevância para a economia brasileira como moeda torna-se evidente após 18 anos desde o seu surgimento, pois se registram contribuições, tanto, na sua funcionalidade pretérita de combate à hiperinflação inercial até então existente, quanto, no seu papel prospectivo para a ampliação do horizonte temporal e a retomada do crescimento econômico.

De um lado, o controle da hiperinflação propiciado pelo Plano Real e o surgimento da nova moeda trouxeram consigo um horizonte temporal para a formação das expectativas, independente dos riscos do fantasma inflacionário acima dos dois, três, ou mesmo, quatro dígitos que assolou estruturalmente o Brasil desde a década de 1940 até meados da década de 1990.

De outro lado, a ampliação do horizonte temporal pode ser comprovada por vetores produtivos, com uma parcial retomada do consumo e do investimento privado reprimidos desde a década de 1980, bem como, por vetores financeiros, com a identificação de que os melhores investimentos de carteira foram os de renda fixa e títulos do tesouro desde a criação do Plano Real.

Destarte, a trajetória evolutiva do Real ao longo de sua jornada de desenvolvimento fora marcada por caminhos tortuosos e nem sempre fáceis que foram construídos por diferentes conjunturas nacionais e internacionais de crise e desenvolvimento, e, por conseguinte, distintas políticas econômicas comandadas pelos presidentes Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

A despeito das cumulativas contribuições e restrição criadas, os subseqüentes governos tiveram diferenças em termos de políticas fiscal e cambial, mas compartilharam a institucionalização de uma lógica de responsabilidade monetária que foi combinada a ciclos espasmódicos de crescimento, com rápida ascensão e queda do dinamismo econômico, tal como no padrão de um voo de galinha.

Embora o Real complete neste ano a sua maturidade e com motivos de comemoração por ter sido a base da construção de um avanço institucional para a economia brasileira, também é motivo de constante preocupação quando relacionado a outras variáveis centrais como dívida pública (política fiscal), taxa de juros (política monetária) e taxa de câmbio (política cambial), as quais condicionam os fundamentos macroeconômicos do país.

Conclui-se, portanto, que a passada, a presente e a futura relevância do Real para a realidade brasileira reside na sua plasticidade pela qual tem sido adaptado e utilizado nas diferentes conjunturas políticas e econômicas, seja para o bem sucedido combate à hiperinflação desde o seu surgimento como moeda, seja para o desafio atual de manter-se como meio de estabilidade de uma economia que busca acelerar a sua taxa de crescimento econômico.



Principal



Assinatura



Expediente



Denúncias



Classificados



Fale Conosco